Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

REVISTA DO MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE

VOLUME IV

SÃO PAULO
1950

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org

LENDAS DOS ÍNDIOS TERENO

por

HERBERT BALDUS

I. OS TERENO

Uma das maiores tribos do Brasil são os Tereno no sul mato-grossense, oscilando seu número, há mais de cem anos, segundo os diferentes relatos, entre dois e quatro mil individuos. E isso apesar do contacto com os brancos, que, desde meiados do século XIX, vem tornando-se cada vez mais íntimo, tendo começado já muito antes.

Os Tereno são os representantes mais meridionais da grande família linguística Aruak. Caracterizam-se por vários traços culturais comuns aos componentes dessa familia, como, por exemplo, o serem essencialmente lavradores. Apesar disso, sua cultura, a muitos respeitos, está ligada às culturas do Chaco ,região que habitavam na parte norte até o século XVIII, tendo alguns grupos permanecido lá até o seculo passado. Kaliketé, o narrador das lendas reproduzidas no presente trabalho, informou que seus pais nasceram no Chaco e eram Tereno puros. Êle mesmo contava sessenta a sessenta e cinco anos de idade quando em 1947 me disse isso. Ouviu do próprio pai essas lendas. Encontramos nelas, como o mostrarei comentando-as na terceira parte dêste artigo, evidentes indícios da proveniência do Chaco. Significativo outrossim é o fato de incluir o *Handbook of South American Indians* os Tereno nas tribos chaquenhas (cf. Métraux, 2, 239-241).

As publicações sobre os Tereno nas quais se baseia, segundo se depreende de sua bibliografia, essa obra, saida em 1946, apenas registam poucos aspectos da cultura de tais índios, compendiados geralmente em ligeiras notas. Mas também os trabalhos aparecidos depois, de autoria de Oberg e Altenfelder Silva, não esgotam o assunto. Do idioma dos Tereno, apesar de serem tão fàcilmente acessíveis, muito pouco é conhecido (cf. Loukotka *1* 160). As últimas publicações linguisticas a respeito são o artigo de Harden e a pequena lista de palavras colhida por Boggiani e editada por Loukotka (2, 72-74). Willems publicou um estudo antropométrico de 45 indivíduos da tribo em aprêço.

Alguns autores escrevem Terena em vez de Tereno, havendo, além dessa, outras variantes (cf. Altenfelder Silva, 2 nota 1).

As lendas insertas nas páginas seguintes foram colhidas por mim em 19 de fevereiro de 1947, no pôsto Curt Nimuendajú (antigo Araribá), por ocasião de uma visita aos postos indígenas instalados no Estado de São Paulo pelo Serviço de Proteção aos índios. (*) Segundo me informou o encarregado daquele pôsto, sr. Joaquim Fausto Prado, vieram com êle de Mato Grosso para Araribá, em 1932, cinquenta Tereno, sendo o número de índios dessa tribo localizados no pôsto paulista, em 1947, setenta-e-oito. Tanto o acima mencionado Kaliketé cujo nome tereno significa "miudo", sendo seu nome brasileiro Antônio Lulu, como também o interprete Haháotí, isto é, "preto", chamado Ladislau pelos brasileiros, procederam da aldeia Ipegue. Êste ultimo afirmou ter trinta e seis anos de idade. As fotografias reproduzidas na prancha anexa mostram como representam dois tipos diferentes. Kaliketé é o mais rude, de estatura baixa, espadaúdo, maltrapilho e não fala outra língua além da sua. Haháotí é relativamente alto, delgado, melhor vestido; fala correntemente o português e aplica com desembaraço as regras da polidez brasileira. Enquanto aquêle estava, vagarosamente e com interrupções, narrando as lendas, êste, depois de cada episódio ser contado em tereno, me ditava tão hàbilmente a tradução que Kaliketé nenhuma vez perdeu o fio. Conservei, na presente reprodução, as particularidades da linguagem sertaneja usada por Haháotí, aliás Ladislau,

II. OS TEXTOS

1. *Orekajuvakái*

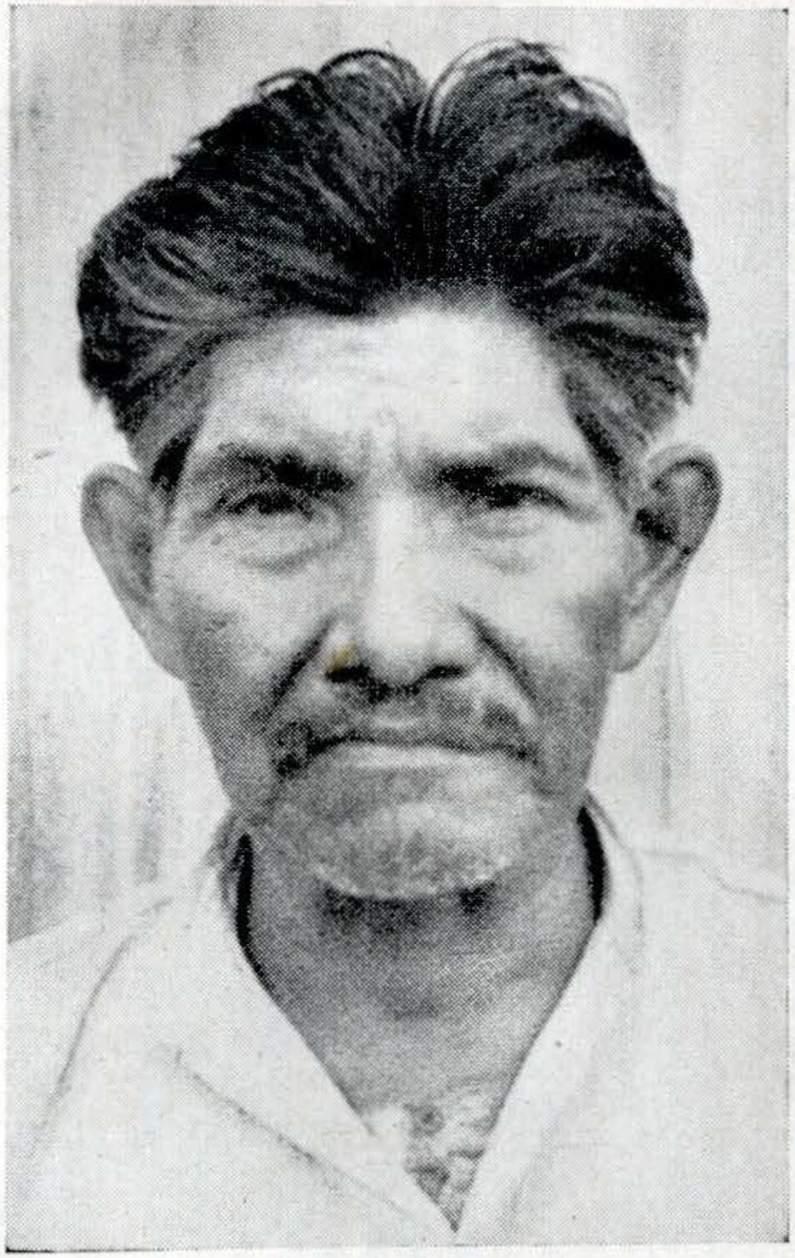
Diz que antigamente não havia gente. Bem-te-vi, *vituka*, descobriu onde havia gente debaixo do brejo. Bem-te-vi marcou o lugar aos *Orekajuvakái* que eram dois homens e êstes tiraram a gente do buraco.

Antigamente, *Orekajuvakái* eram um só e quando moço a sua mãe ficou brava, pois *Orekajuvakái* não queria ir junto com ela à roça, foi à roça, tirou foice e cortou com ela *Orekajuvakái* em dois pedaços. O pedaço da cintura para cima ficou gente, e a outra metade gente também.

---

* Agradeço aos funcionários do S. P. I. inúmeros favores e à Escola de Sociologia e Política de São Paulo o custeio da excursão.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org



Antônio Lulu Kaliketé

Ladislau Haháotí

Fot. Harald Schultz

Antes de tirar a gente do buraco, *Orekajuvakái* mandaram tirar fogo, *iukú*. Pensaram quem vai tirar fogo. Foi o tico-tico, *xavokóg*. Êle foi e não achou o fogo. Depois foi o coelho, *kanóu*. Levou vara verde de ingá e achou o fogo que estava rodeado dos donos *Tokeóre*. Enfiou o ramo no borralho, estourou aquêle ramo, o *Tokeóre* esparramou com aquêle estouro que deu no fogo, *kanóu* aproveitou e tirou e correu. Achou um pau deitado e ôco e entrou com o fogo na vara e se bateu o nariz até sair sangue. Esfregou o nariz na ponta da vara e enleou um pedaço de sua própria tripa no pau, colocou-o para *Tokeóre* ver. Aí *Tokeóre* foi embora. Disse: Já o matamos, pois viam o sangue. *Kanóu* saiu do pau e foi queimar o capim velho jogando fogo onde passou. *Tokeóre* ficou triste e disse: Tomaram nosso fogo.

Orekajuvakái está sempre a nosso favor, disse o Tereno.

O *kanóu* chegou onde estava os *Orekajuvakái* e foram fazendo grande fogueira. Aí *Orekajuvakái* tiraram a gente do buraco. Gente levantou os braços e *Orekajuvakái* neles os agarraram. Toda gente era nu e tinha frio e *Orekajuvakái* chamaram para ficar perto do fogo. Era gente de toda raça.

Orekajuvakái sempre pensaram como fazer falar esta gente. Mandaram-na entrar em fileira um atrás do outro. *Orekajuvakái* chamaram lobinho, *okué*, para fazer rir a gente. Lobinho fez toda macacada, mordeu no próprio rabo, mas não conseguiu fazer rir. *Orekajuvakái* chamaram sapinho, aquêle vermelho, *kalaláke*. Êste andou como sempre anda e a gente começou a dar risada. Sapinho passou ida e volta ao longo da fila três vêzes. Aí a gente começou a falar e dar risada.

Orekajuvakái ouviram que cada um da gente falou diferente do outro. Aí separaram cada um a um lado. Eram gente de toda raça. Como o mundo era pequeno, *Orekajuvakái* o aumentaram para o pessoal caber.

Depois disso tinha *Kaxauvara-ket*, um bicho grande com grande buraco nas costas que era a bôca dêle com que comia gente. *Orekajuvakái* perguntaram à gente: Como é o bicho que persegue vocês, e êles disseram: E' grande com grande buraco nas costas. *Orekajuvakái* viu como bicho comeu uma criança. O bicho nunca deitava. Ficava em pé encostado num pau. Aí *Orekajuvakái* andou caçando êste bicho. Tinha um ninho do passarinho *hoópeu* que tem o ninho em sacos pendurados. *Orekajuvakái* pegou um dêsses ninhos, acendeu e jogou no buraco das costas do bicho. O bicho correu e morreu com o fogo nas costas.

Depois veiu outro bicho, *Háad*, espécie de gente, mas bicho. Tinha amarrado nos pulsos e tornozelos dentes e unhas de todos os animais que era o enfeite dêle. Quando dançava

fêz barulho com êstes adornos segurando com as duas mãos uma bengala e batendo com ela no chão. *Háad* comeu gente também. *Orekajuvakái* foram ver onde o bicho dorme. Descobriram-no dormindo no mato deitado no chão. *Orekajuvakái* tiraram os enfeites dos pulsos e tornozelos, bicho levantou e queria fazer barulho com os enfeites, *háadna*. Não os tinha mais, pulou e morreu.

Diz que outro bicho só peidava, chamava *Bombohóme*, peidorento. Estava comendo gente. Aí *Orekajuvakái* sondavam também o lugar onde sai êste bicho. Era com cara de gente e nariz comprido e estava deitado nas costas com barriga "dêste tamanho" (abrindo os braços em semicírculos, o intérprete indicou-me o grande tamanho). *Orekajuvakái* foram procurar pau com espinha, *tóope*, fina e do comprimento duma mão. Foram onde estava *Bombohóme* dormindo, aproximaram-se de vagar e enfiaram a espinha na barriga dêle e com cada fincada saiu um vento. Depois de acabar a barriga, o bicho levantou e diz: O que vocês fizeram para mim! E caiu morto.

Tokeóre, os antigos donos do fogo, estava cortando a raiz da nuvem, pois caindo esta, teria acabado o mundo. *Orekajuvakái* os acharam cortando e perguntaram: O que estão fazendo? *Tokeóre* responderam: Quero acabar com a gente. *Orekajuvakái* disseram: Vai acabar com a gente! O seu machado é muito pequeno. Vou dar um grande para você. *Orekajuvakái* deram um machado grande de barro, que não cortava, e tomaram o machado dêles e fugiram.

Orekajuvakái deu uns carocinhos de feijão e milho e deu mandioca também e ensinou como se planta. Deu também semente de algodão e ensinou como tecer faixa. Ensinou fazer arco e flecha, ranchinho, roçar e plantar.

2. *A origem do fumo, xaí*

Diz que uma mulher fêz feitiço para o seu marido. Pegou a caraguatá, *vühé*, pôs o seu sangue mênstruo no meio e colocou a planta novamente no lugar. Por isso ela está vermelha no meio. Depois apanhou outra vez a planta e deu os brôtos novos vermelhos a comer ao marido. Quando êste comeu, andou mancando e sem disposição de trabalho e o filho lhe contou que tinha visto tudo e que a mãe queria fazer-lhe mal. O homem disse: Meu filho, sua mãe me paga. E disse à mulher: Vou tirar mel no mato.

Neste momento tirou as duas alpercatas de couro de anta, bateu uma contra a outra para encontrar mais fácil o mel e disse: Agora vou encontrar mais fácil o mel. No pé dum pau lixeiro, *karaió*, está uma cobra e o mel jati. Foi lá e

achou pau, cobra e mel juntos. Aí furou pau para tirar o mel, tirou o mel todo, matou a cobra, abriu a barriga dela, tirou filhote e amassou junto com mel, misturando. Separou para o filho mel puro e deixou a mistura para a mulher.

Chegou em casa. Veio a mulher para receber o que êle tinha trazido e abriu o que êle tinha trazido para o filho e o homem disse: Não, êste é para o filho. E deu a ela o que tinha trazido para ela e ela comeu a mistura, e cada vez depois de comer coçou o corpo todo e falou três vêzes: O que fêz comigo, pai de meu filho? Eu vou comer você, pai de meu filho.

O marido fugiu e ela foi atrás dizendo: Eu vou comer você, pai de meu filho. Aí o marido lembrou que tinha visto uma árvore que tinha três filhotes de papagaio, *koerú*. Aí trepou no pau, tirou o filhote menor e jogou para a mulher. A mulher pegou o filhote correndo atrás dêle e comeu. Depois voltou ao pau e o marido jogou o filhote mais pequeno dos que restavam. A mulher pegou o filhote correndo atrás dêle e comeu. Depois voltou ao pau e o marido jogou o último filhote. Deu tempo para marido fugir. Daí lembrou de um buraco-armadilha que fêz para os bichos. Fugiu para lá, não entrou no buraco, a mulher não sabia que tinha buraco na frente e caiu dentro. Com aquêle tombo que levou, morreu.

O marido jogou terra em cima e tampou o buraco. Ficou sempre lá vigiando. Depois veiu aquêle matinho que nasceu em cima do buraco fechado. O marido limpou, mas o matinho nasceu outra vez. O homem diz: Sempre estou limpando, e sempre nasce outra vez. Deixou crescer até amarelar a folha. Viu que ela era diferente do mato. Tirou a folha, começou a socá-la e pô-la ao sol.

Aí tirou barro para fazer cachimbo. Aí fumou à meia-noite, escondido dos outros. Êstes sentiam aquêle cheiro tão gostoso. O homem cobriu com a mão o cachimbo. Um descobriu, e homem contou onde tirou o fumo. Daí não escondeu mais e todo o mundo plantava.

3. *Aventuras de Koevati*

Um homem de nome *Koevati* perdeu-se na mata e depois de andar muito encontrou uma moradia. O dono da casa falou: Você pode ir embora, pode procurar o seu rumo. Indicou bem a passagem dum córrego, o pau onde passavam os bichos. O pau estava bem liso. Explicou que, depois de passar o córrego, vem um bicho gemendo que come gente e se chama *Kuseáka*. E' como gente, mas tudo cabeludo como

macaco. O homem escondeu-se, depois de ter passado o córrego, em baixo dum pau torto e cobriu-se com fôlhas sêcas. O bicho gemendo procurou-o. Três vezes aproximou-se e afastou-se. Quando se afastou novamente, o homem saiu.

Daí subiu um pau alto para enxergar longe para ver se havia fogo. Não viu fogo, mas viu longe uma grande caixa de maribondos. Ao redor e em baixo da caixa estava bem limpo. Êle passou longe dela e foi. Depois subiu num outro pau. Viu outro pau bem grande com quatro galhos. Viu nesta árvore um ninho bem grande de águia, *kovoéro,* que come gente. Queria desviar do ninho, mas errou e foi diretamente em baixo dêle. O lugar em baixo da árvore estava cheio de ossos de bichos.

Daí saiu do mato, entrou no campo e estava perto da aldeia dos parentes. Tinha viajado três meses naquele mato só. Quando chegou, estava arisco e com medo da gente.

Dizem que tudo isso aconteceu mesmo.

4. *O poder do koixamonte*

Dois padres, *koixamonte,* estavam se insultando, dizendo que outro não sabia nada. Um dêles, para mostrar que sabia mais do que o outro, deu jeito para virar a ema que está no céu e de que sai hoje à meia-noite o pescoço. (No junho fica bem ao centro). Aí veiu uma tempestade, escureceu muito, começaram a descer do céu no meio da chuva os passarinhos de duas cabeças, pato de duas cabeças, ganso de duas cabeças, carão de duas cabeças. Estava a nuvem tão baixa que a gente ouviu fala de criança em meio desta nuvem.

Quando o outro padre viu que não podia com êle, o padre mais forte sacudiu o chocalho de cabaça, *itakaná,* e aí parou a chuva, os pássaros foram embora e limpou o tempo. A ema ficou no céu como o padre a tinha virado.

III. COMENTÁRIOS

Pronúncia das palavras tereno

ai, au, ou e *oi* são ditongos. *h* é aspirado. *k* corresponde ao *c* português em "cão". *x* é o *x* português em "caixa". *ü* soa como *ü* alemão em "für" e o *u* francês em "dur". Todas as outras letras soam como em português.

1. Orekajuvakái

Nêste grande mito, grande pelo seu significado, é explicada a organização do mundo pelo herói-civilizador em forma dos dois *Orekajuvakái*. Na grafia de Oberg (6, 41-42), êste nome é *Yúrikoyuvakái*, na de Altenfelder Silva (*1*, 216 e 2, 349-351) *Yurikoyuvakai*.

O desdobramento do herói-civilizador em dois irmãos aparece na mitologia de várias partes do mundo e, com grande frequência, na sul-americana (cf. Baldus 2, 263-264). Segundo Schaden (81 nota 34), "muitas vêzes, mas nem sempre, a parelha de irmãos exprime a divisão da tribo em metades. Ao passo que na sociedade bororo os dois chefes de aldeia, representando os heróis míticos, pertencem à mesma metade, o exemplo dos Kaingang mostra perfeita correspondência entre a organização dual da tribo e a parelha de heróis míticos". Oberg (27) e Altenfelder Silva (*1*, 216 e 2, 278 e 318-319) foram informados de que os Tereno, antigamente, estavam divididos em metades tribais endógamas. Falta saber se esta organização dual tinha relação com a dualidade de *Orekajuvakái*.

Também segundo Oberg (41-42) e Altenfelder Silva (*1*, 216 e 2, 349), a parelha de irmãos tinha um nome só. Lemos em Oberg (42): "*Yúrikoyuvakái* was a centipede who lived with his mother. He made his mother very angry because he wanted to follow her into the fields every day. One day she became so angry that she cut him in two. The two halves grew up into twins." (cf. também o texto português em Altenfelder Silva 2, 349). Os Kaduveo, tribo guaikuru vizinha dos Tereno e como êstes provenientes do Chaco, têm uma lenda na qual u'a mulher corta seu filho em dois pedaços, formando-se de cada um dos pedaços uma criança e tendo ambas as crianças um nome só, a saber: *Nareatedi* (Baldus *4*, 37-39). Um traço de herói-civilizador atribuido aos *Nareatedi* é o fato de terem plantado as árvores. Seu pai era um jaguar, como também o foi o pai dos heróis-gemeos na mitologia dos Bororo e Bakairi (cf. Baldus 2, 181 e *4*, 105). Interrogados por mim, os informantes tereno não sabiam dizer nada a respeito do pai dos *Orekajuvakái*, havendo também em Oberg e Altenfelder Silva referência alguma a êle.

No material mitológico tereno que colhi em 1934, aparece um herói de nome Pitanoé (Baldus 2, 272-273 e *3*, 531-533). Os informantes de 1947 me explicaram que êste seria outro nome dos *Orekajuvakái*, significando a palavra *pitanoé* "escorpião". Convém, porém, lembrar que, no texto apontado em 1934, a figura de *Pitanoé* difere consideràvelmente da dos *Orekajuvakái*. Êstes, no dizer dos informan-

tes, estão sempre a favor dos Tereno, "cuidaram sempre da gente e vivem ainda". *Pitanoé*, porém, deu aos antepassados não só a semente de uma leguminosa cujas vagens têm grande importancia na alimentação dos Tereno, mas também um embrulho em que não havia outra coisa senão mosquito-pólvora, tendo sido, além disso, êle quem tentava derrubar as nuvens cortando-as a machado. Foi, portanto, às vezes malicioso como certos outros heróis míticos de diversas tribos sul-americanas (cf. Baldus *2*, 274-275). Aliás, o informante de 1934 declarava expressamente que *Pitanoé* "andava sempre sózinho, e havia um único *Pitanoé*" (ibidem 272). No episódio do cortar nuvens, os *Moolé*, "espécie de gente, porém mais propriamente bicho do que homem", dão-lhe o machado *ihámoiá* em troca do bom machado com que estava batendo. Aí, a cada golpe que *Pitanoé* dá com *ihámoiá*, êste, por ser mole, se torna menor, crescendo ao mesmo tempo, cada vez mais, a nuvem.

Oberg (42) e Altenfelder Silva (*1*, 216 e *2*, 349-351) dão versões do mito tereno da origem dos homens e do fogo nas quais o bem-te-vi indica aos dois irmãos o buraco de que êstes mandam sair a gente, e a lebre, por ordem dêles, rouba o fogo aos "*Takeoré*" ou "*Takê-orê*". Êstes antigos donos do fogo cujo nome soou para meu ouvido como *Tokeóre*, eram, no dizer do meu intérprete, "gente como nós", e, segundo Altenfelder Silva (*1*, 216), "dois homens" ("two men").

Também na versão da lenda da origem dos homens, que colhi em 1934 da boca de velho Tereno da aldeia Mureira, os antepassados sairam da terra (Baldus *3*, 354). Diversas tribos do Chaco e do Brasil explicam dêste modo a sua origem (cf. Baldus *2*, 193-195).

O bem-te-vi que desempenha o mesmo papel nas versões reproduzidas por Oberg e Altenfelder Silva e na colhida por mim em 1947 é pássaro da família dos Tiranídeos muito comum no Brasil. Pode ser que seu nome não seja sómente onomatopaico, mas aluda também ao caráter de espia a êle atribuido tanto no folclore brasileiro como no mito tereno. Assim lemos em R. von Ihering (140) a respeito do bem-te-vi: "... em Sergipe a criançada detesta êsse pássaro e o persegue a pedradas, pois segundo a lenda, foi êle quem denunciou Jesus Cristo, quando os judeus o procuravam".

A razão do roubo do fogo estava no fato de a gente estar com frio, como menciona não só a minha versão, mas também as de Oberg e Altenfelder Silva. Também na versão colhida por Hay (*apud* Métraux *2*, 367), os Tereno saidos do buraco estão tremendo de frio. Nas versões da len-

da da origem do fogo, que ouvi entre os Kaskihá do Chaco, êsse é cobiçado não como defesa contra o frio, mas como meio de assar carne, sendo que os índios preferem um assado à carne crua (cf. Baldus *1*, 86-87).

Aliás, também na mitologia dessa tribo maskoi é o chamado "coelho" quem desempenha importante papel na história da origem do fogo, ainda que não o roubasse como no mito tereno, mas descobrisse os paus ignígenos (ibidem). Nas versões reproduzidas por Oberg (42) e Altenfelder Silva (*1*, 216 e *2*, 350) é a "lebre" ("hare" em inglês) a ladra do fogo. Zoològicamente, ambas essas denominações européias do roedor em aprêço são impróprias, pois se trata em todos os casos do mesmo animal da família dos Leporídeos, a saber, do tapiti (*Sylvilagus minensis*) (cf. R. von Ihering 771).

O ingá de onde se tirara a vara de *kanóu*, é arvore da família das Leguminosas, divisão Mimosáceas.

Entre os Kaingang do Ivaí colhi, em 1946, várias versões da lenda do roubo do fogo nas quais a ladra escondida, uma ave, tambem engana o perseguidor batendo-se o nariz até sair sangue e esfregando êste numa vara.

O fato do tico-tico (*Brachyspiza capensis*) não ter achado o fogo, talvez se referisse à fama de ingenuidade de que goza êsse passarinho da família dos Fringilídeos, apontada por R. von Ihering (791).

A expressão "Era gente de tôda raça" (a que os *Orekajuvakái* chamaram para aquecer-se no fogo) indica notável ausencia de etnocentrismo, pois ao conhecedor de mitologia de povos-naturais poderá parecer estranho que essa frase não diga respeito exclusivamente aos antepassados da tribo do narrador.

O episódio em que os *Orekajuvakái*, para fazer falar a gente, primeiro a fazem rir, mostra importancia tão grande dada à risada, que nos faz lembrar a crença dos Bánaro da Nova Guiné, segundo a qual a criança começa a ter alma somente ao sorrir pela primeira vez (R. Thurnwald *apud* Baldus *1*, 57).

O intérprete traduziu o vocábulo tereno *okué* por "lobinho", sendo a mesma tradução dada por Colbacchini e Albisetti (190) ao têrmo *okwa* da língua dos Bororo Orientais, vizinhos setentrionais dos Tereno. O primeiro dêstes autores, no seu livrinho "A tribu dos Boróros", trata o *okwa* de "cachorro do mato" (cf. Baldus *4*, 101).

O mencionado sapinho *kalaláke* talvez seja uma perereca (*Hyla spec.*) (cf. R. von Ihering 601-602). Ao referir-se aos movimentos do batráquio em aprêço, o intérprete ria.

O "passarinho *hoópeu* que tem o ninho em sacos pendurados" deve ser o japu ou japim da família dos Icterídios cujos ninhos em forma de longos sacos se encontram dependurados em palmeiras e outras árvores.

Indicando o significado do nome *Bombohóme*, o intérprete perguntou: "Não faz mal contar isso?".

A referida planta com espinha, do comprimento duma mão, é chamada de "veludinho" no vernáculo.

2. *A origem do fumo, xaí*

Em numerosas lendas de diversas partes do mundo e, especialmente, da América, plantas uteis nascem de um cadáver humano.

A presente lenda da origem do fumo revela nìtidamente sua procedência do Chaco. Segundo Métraux (*1*, 60-62), os Toba contam que u'a mulher foi com seu marido pegar catorras (*Myiopsitta monachus*). O homem subiu numa árvore, tirou os filhotes do ninho e jogou-os para baixo. Percebendo que a mulher os devorava, ficou com medo, pegou um filhote que já estava bastante grande para poder voar, jogou-o para baixo e disse à mulher: Aqui vem um filhote, mas tenha cuidado, pois êle sabe voar. A mulher viu a ave e correu atrás dela para pegá-la. Entretanto, o homem desceu da árvore e correu o mais depressa possível, pois estava certo de que a mulher o queria comer também. A mulher, quando, ao voltar á árvore, não viu mais o marido, seguiu suas pegadas até encontrá-lo, matou-o e comeu-o. Após vários acontecimentos, foi morta pelo carancho (*Polyborus plancus*), herói cultural dos Toba. Das cinzas de seu cadáver queimado nasceu o fumo. Numa outra versão (ibidem 62-64), os filhotes jogados pelo homem para a mulher e devorados por esta são, como no mito tereno, de papagaio ("parrot"). Métraux (ib. 64) menciona, ainda, a lenda dos Ashluslay na qual o fumo nasce das cinzas de u'a mulher morta e queimada pelo marido. Êste, quando descobriu a utilidade da planta, resolveu guardar segredo fumando só no silêncio da noite. Mas uma coruja a denunciou, e desde então os índios usam o fumo. — Além das mencionadas tribos do Chaco há só mais um povo-natural sul-americano do qual conheço lenda da origem do fumo: são os vizinhos setentrionais dos Tereno, isto é, os Bororo que contam ter essa planta nascido das cinzas duma sucuri queimada (Colbacchini e Albisetti 199). — O fato de, justamente, no Chaco ter sido dada ao fumo tanta importancia que sua origem se tornou assunto de uma lenda, é compreensível se considerarmos a afirmação de Métraux (*2*, 346): "Chaco Indians smoke

far more than any other South American natives". (cf. também Baldus *1*, 38).

Perguntei pelo nome da protagonista da presente lenda tereno. O informante não sabia.

Referindo-se ao caraguatá, também chamado de gravatá em outras partes do Brasil, o interprete, ao contar que a mulher colocou seu sangue nessa planta da família das Bromeliáceas, explicou: "Tem tempo que está vermelha no meio". Isto diz respeito à época da floração. Os Tereno costumam comer os brôtos.

Sandálias de couro representam um traço cultural trazido do Chaco onde são usadas por várias tribos na travessia dos espinhosos caraguatazais muito frequentes naquela região (cf. Baldus *1*, 22-23).

A árvore "lixeiro" é conhecida também como "lixeira" e "lixa de folha larga".

Também os Kaingang limpam a sepultura, vigiando-a para que o cadáver não seja comido pelo tatu.

3. *Aventuras de Koevati*

Característico da mitologia tereno é o interesse por monstros antropófagos, como mostram a presente história e a lenda dos *Orekajuvakái*. Também a mulher na lenda do fogo revela suas tendências canibalescas. Nos textos tereno por mim colhidos em 1934 aparece uma "pessoa sem cabeça", igualmente designada como "bicho", que "matou muita gente" (cf. Baldus 2, 272, 3, 530 e 533).

Perguntei pelo significado do nome do protagonista. O informante declarou que Koevati não quer dizer nada, sendo exclusivamente nome.

4. *O poder do koixamonte*

Já Taunay (73), referindo-se aos sacerdotes dos Tereno, usa o têrmo "padre" pelo qual esses indios traduzem *koixamonte*.

O carão é grande ave da família dos Aramídeos (*Aramus scolopaceus* Gm.).

Segundo o intérprete, o Saco-de-Carvão é cabeça de ema que tem em frente do bico o Cruzeiro, sendo a Via-Láctea o caminho da ema. Êsse conceito é mais um dos traços que ligam os Tereno às culturas do Chaco. Para os Matako e os Toba do Pilcomaio são o Saco-de-Carvão uma ema e a Via-Láctea um caminho (Lehmann-Nitsche *1*, 260 e 265, *2*, 276 e 279), ao passo que para os Toba do leste, o

Saco-de-Carvão é cabeça da ema e a Via-Láctea, desde o Saco-de-Carvão até a estrela Antares e a constelação Ofiúco, o seu corpo com as asas (idem *4*, 192; cf. também Métraux *1*, 23). Para os Mokovi do século XVIII, o Saco-de-Carvão representava uma ema (Lehmann-Nitsche *6*, 156), dando-se o mesmo com os Mokovi modernos dos quais, ainda, sabemos que consideram a Via-Láctea caminho percorrido por aquela ave (idem *3*, 78). Para os Vilela, o Saco-de-Carvão era uma ema cuja cabeça estava representada pelas quatro estrelas do Cruzeiro, observando Lehmann-Nitsche (*5*, 217-218) a respeito: "Esta interpretación que llamaré 'Avestruz sideral', excluye la otra, según la cual un avestruz gigantesco visto desde el costado derecho, está formado por la 'Bolsa de carbón' (la cabeza) y por la parte de la Vía láctea que se extiende desde ella hasta Antares, etc., para bajar desde esta región en dirección oblicua (cuerpo con alas y piernas del animal); llamaré este tipo 'Avestruz lacteal'." — Segundo averiguei na minha viagem ao Araguaia realizada em 1935, o Saco-de-Carvão é, para os Karajá, cabeça duma ema cujo corpo é representado pela parte escura adjacente da Via-Láctea. Isso está em certa contradição com a informação de Brito Machado (40) que diz serem, para êsses índios, o Saco-de-Carvão uma arraia e alfa e beta do Centauro os olhos de uma ema. Em todo caso, porém, há também para a tribo do Araguaia uma ema no céu, o que é mais uma prova das "estreitas relações" entre a sua cultura e as culturas chaquenhas, relações essas que foram demonstradas por Fritz Krause (71).

RESUMO

A primeira parte do presente trabalho trata do número dos índios Tereno; de seu contacto com os brancos; do parentesco de sua cultura com as culturas do Chaco apesar dos Tereno possuirem importantes traços em comum com componentes da família linguistica Aruak à qual pertencem; das publicações sôbre essa tribo do sul do Estado brasileiro de Mato Grosso; dos Tereno localizados no pôsto indígena Curt Nimuendaju situado no Estado de São Paulo; dos informantes e da maneira de obter o material mitológico reproduzido na segunda parte.

Êste material está coordenado sob os seguintes títulos dados pelo autor:

1. Orekajuvakái. — 2. A origem do fumo. — 3. Aventuras de Koevatí. — 4. O poder do koixamonte.

O primeiro dos quatro títulos designa o mito de uma espécie de "heróis-gemeos" cujo nome comum é Orekaju-

vakái e que fazem os homens subir do mundo subterrâneo à superfície da terra, arranjam o fogo para aquece-los, fazem-nos rir e falar, distribuem-nos sobre o mundo segundo as diferentes línguas, defendem-nos, matando os três diversos monstros antropófagos e enganando os antigos donos do fogo, que queriam acabar com a gente, derrubando as nuvens, e, por fim, dão-lhes as plantas úteis e ensinam-lhes não só seu cultivo como também o fabrico de faixas de algodão e armas e a construção da casa.

Sob o segundo título figura uma lenda na qual uma planta util nasce de um cadáver humano. E' o cadáver da mulher antropófaga da qual também há notícia entre os índios Toba do Chaco.

A história das "Aventuras de Koevatí" refere-se aos monstros antropófagos encontrados por um homem dêsse nome quando se perdeu na mata.

Koixamonte é a designação para o sacerdote dos Tereno na língua desta tribo. A narração d'"O poder do koixamonte" mostra um dos tais homens deslocando estrelas, provocando a tempestade, chamando sêres sobrenaturais e fazendo cessar a chuva.

Os comentários que formam a terceira parte, estabelecem comparações com material mitológico dos Tereno contido em outras publicações como também de outras tribos, e dão além disso, certas explicações etnográficas, botânicas e zoológicas.

SUMMARY

The first part of this article treats on the number of the Tereno Indians; on their contact with the whites; on the relationship of their culture with the cultures of the Chaco, notwithstanding that the Tereno possess important traits in common with members of the Aruakan linguistic family to which they belong; on the publications about this tribe of the south of the Brazilian state of Mato Grosso; on the Tereno settled in the reservation Curt Nimuendajú situated in the state of São Paulo; on the informants and on the manner of obtaining the mythological material reproduced in the second part.

This material is ordered under the following titles given by the author:

1. Orekajuvakái. — 2. Origin of tobacco. — 3. Koevatí's Adventures. — 4. The power of the koixamonte.

The first of the titles designs the myth of a kind of "twin-heroes" whose common name is Orekajuvakái and who make he men climb from the underground world to the

surface of the earth, arrange the fire to warm them, make them laugh and speak, distribute them in the world according to the different languages, defend them by killing the three different cannibal monsters and deceiving the former owners of the fire, who wanted to exterminate mankind throwing down the clouds, and, at last, give them the useful plants and teach them to cultivate these plants, to make cotton bands and weapons and to build houses.

Under the second title we find a myth in which a useful plant springs from a corpse. That is the dead body of the cannibal woman about whom also the Toba Indians of the Chaco speak.

The story from the "Adventures of Koevatí" refers to the cannibal monsters met by a man of this name when he goes astray in the forest.

Koixamonte is the designation for the Tereno priest in the language of this tribe. The story of "The power of the koixamonte" shows one of such men dislocating stars, causing a storm, calling supernatural beings and stopping the rain.

The commentaries which form the third part, make comparisons with mythological material of the Tereno contained in other publications and of other tribes; give, in addition to this, some ethnographical, botanic and zoological explanations.

ZUSAMMENFASSUNG

Der erste Teil der vorliegenden Arbeit handelt von der Zahl der Tereno-Indianer und ihrer Berührung mit den Weissen; von der Verwandtschaft ihrer Kultur mit den Chaco-Kulturen trotz allem, was die Tereno mit der Aruak-Gruppe, zu der sie auch sprachlich gehören, gemeinsam haben; von den Veröffentlichungen über diesen Stamm im Süden des brasilianischen Staates Mato Grosso; von den in dem im Staate São Paulo gelegenen Indianerreservat Curt Nimuendajú angesiedelten Tereno; von den Gewährsmännern und dem Erlangen des im zweiten Teile wiedergegebenen mythologischen Materials.

Dieses Material ist unter den folgenden, vom Verfasser gegebenen Titeln geordnet: 1. Orekajuvakái. — 2. Der Ursprung des Tabaks. — 3. Abenteuer des Koevatí. — 4. Die Macht des Koixamonte.

Der erste der vier Titel bezeichnet die Mythe von einer Art "Zwillingshelden", deren gemeinsamer Name Orekajuva-

kái ist und die die Menschen aus der Unterwelt auf die Erde kommen lassen, ihnen, die froren, das Feuer beschaffen und sie zum Lachen und Sprechen bringen, sie über die Welt gemäss den verschiedenen Sprachen verteilen, zu ihrem Schutz die drei verschiedenen menschenfressenden Ungeheuer töten und die früheren Besitzer des Feuers daran hindern, mit einer Axt die Wolken vom Himmel zu schlagen, und die zu guter Letzt den Menschen die Nutzpflanzen geben und sie lehren, das Feld zu bestellen, Baumwollbinden und Waffen anzufertigen und Häuser zu bauen.

Den zweiten Titel trägt das Märchen, in dem eine Nutzpflanze aus einer Leiche spriesst. Es ist die Leiche der Menschenfresserin, von der auch die Toba des Chaco erzählen.

Die Geschichte von den Abenteuern des Koevatí handelt von menschenfressenden Ungeheuern, denen ein Mann dieses Namens begegnete, als er sich im Walde verirrte.

Koixamonte heisst der Priester der Tereno in der Sprache dieses Stammes .Die Erzählung von der Macht des Koixamonte zeigt, wie einer dieser Männer Sterne verschiebt, Unwetter heraufbeschwört, übernatürliche Wesen herbeiruft und den Regen aufhören lässt.

Die Kommentare im dritten Teile ziehen Vergleiche mit in anderen Veröffentlichungen enthaltenem mythologischen Material der Tereno wie auch mit dem von anderen Stämmen und geben ausserdem einige Erklärungen aus den Gebieten der Völker-, Pflanzen- und Tierkunde.

OBRAS CITADAS

ALTENFELDER SILVA, FERNANDO: 1: "Terena Religion". *Acta Americana,* vol. IV, n. 4, México 1946.
2: "Mudança cultural dos Terena". *Revista do Museu Paulista, Nova Série,* vol. III, São Paulo 1949.

BALDUS, HERBERT: 1: *Indianerstudien im nordöstlichen Chaco.* Leipzig 1931.
2: *Ensaios de Etnologia Brasileira.* Brasiliana vol. 101. São Paulo 1937.
3: "Tereno-Texte", *Anthropos,* t. XXXII, St. Gabriel-Mödling bei Wien 1937.
4: *Lendas dos índios do Brasil.* São Paulo 1946.

COLBACCHINI, P. ANTONIO, e ALBISETTI, P. CESAR: *Os Boróros Orientais.* Brasiliana (Grande formato) vol. 4, São Paulo 1942.

HARDEN, MARGARET: "Syllable Structure of Terena." *International Journal of American Linguistics,* vol. 12, n. 2, Baltimore 1946.

HAY ALEXANDER RATTRAY: *The Indians of South America and the Gospel* (cit. *apud* MÉTRAUX, 2).

IHERING, RODOLPHO VON: *Dicionário dos Animais do Brasil.* São Paulo 1940.

KRAUSE, FRITZ: "Beiträge zur Ethnographie des Araguaya-Xingu-Gebietes". XXIe *Congrès International des Américanistes, Session de Göteborg* 1924, Göteborg 1925.

LEHMANN-NITSCHE, R.: 1: "Mitología sudamericana V: La astronomía de los Matacos". *Revista del Museo de La Plata,* vol. XXVII, Buenos Aires 1923.
2: "Mitología sudamericana VI: La astronomía de los Tobas". *Ibidem.*
3: "Mitologia sudamericana VII: La astronomia de los Mocoví". *Ibidem,* vol. XXVIII, Buenos Aires 1924-1925.
4: "Mitología sudamericana X: La astronomía de los Tobas (segunda parte)". *Ibidem.*
5: "Mitología sudamericana XI: La astronomía de los Vilelas". *Ibidem.*
6: "Mitología sudamericana XII: La astronomía de los Mocoví (segunda parte)". *Ibidem,* vol. XXX Buenos Aires 1927.

LOUKOTKA, CHESTMIR: 1: "Linguas indigenas do Brasil". *Revista do Arquivo Municipal,* vol. LIV. São Paulo 1939.
2: "Sur quelques langues inconnues de l'Amérique du Sud". *Lingua Posnaniensis,* t. I Poznán 1949.

MACHADO, OTHON XAVIER DE BRITO: *Os Carajás.* Rio de Janeiro 1947.

MÉTRAUX, ALFRED: 1: *Myths of the Toba and Pilagá Indians of the Gran Chaco.* Memoirs of the American Folklore Society, vol. 40. Philadelphia 1946.
2: "Ethnography of the Chaco". *Handbook of South American Indians,* vol. 1, Washington 1946.

OBERG, KALERVO: *The Terena and the Caduveo of Southern Mato Grosso, Brazil.* Smithsonian Institution, Institute of Social Anthropology, publication n. 9. Washington 1949.

SCHADEN, EGON: "Ensaio etno-sociológico sôbre a mitologia heróica de algumas tribos indígenas do Brasil". *Sociologia,* vol. VII, n. 4, São Paulo 1945.

TAUNAY, ALFREDO d'ESCRAGNOLLE: *Scenas de viagem. Exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda.* Rio de Janeiro 1868.

WILLEMS, EMÍLIO: "Contribuição para o estudo antropométrico dos índios Tereno". *Revista do Museu Paulista, Nova Série,* vol. I, São Paulo 1947.

Biblioteca Digital Curt Nimuendajú - Coleção Nicolai
www.etnolinguistica.org